

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 22

Filosofia 11.º ANO

Tema 4: O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica

Subtema 4: A dimensão estética. A criação artística e a obra de arte



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Iremos agora ocupar-nos do problema central da Filosofia da Arte: o problema da definição de arte. Este pode ser formulado da seguinte forma: “O que é a arte?”. O problema é relevante, porque não interagimos com as obras de arte do mesmo modo como fazemos com os objetos comuns. Assim, é importante encontrar um critério seguro, para que possamos saber distinguir o que é a arte da não-arte.



O QUE VOU APRENDER?

- Caracterizar o conhecimento formulando explicitamente o problema filosófico da possibilidade de conhecimento, à luz da perspectiva empirista e racionalista, avaliando criticamente ambas as respostas ao problema filosófico em questão;
- Formular o problema da demarcação. Caracterizar a concepção indutivista da ciência e proceder à sua avaliação crítica. Caracterizar o falsificacionismo de Karl Popper e proceder à sua avaliação crítica;
- Formular o problema da objetividade da ciência, avaliando criticamente a posição de Popper. Descrever os diferentes momentos de desenvolvimento científico segundo Kuhn, clarificando as noções de paradigma, anomalia, crise científica e incomensurabilidade;
- **Formular o problema da definição de arte e explicitar a sua relevância filosófica, distinguindo a abordagem essencialista da abordagem não essencialista. Caracterizar as teorias da representacionista, expressivista, formalista, institucional e histórica de arte;**
- Formular o problema da definição da existência de Deus e explicitar a sua relevância filosófica, enunciando os argumentos cosmológico, teleológico (Tomás de Aquino) e Ontológico (Santo Anselmo) sobre a existência de Deus. Avaliar criticamente estes argumentos. Caracterizar criticamente a posição fideísta de Pascal e o argumento do mal de Leibniz.



COMO VOU APRENDER?

GTA 18: O problema da definição de arte

GTA 19: A teoria da arte como representação

GTA 20: A teoria da arte como expressão

GTA 21: A teoria da arte como forma

GTA 22: A teoria institucional

GTA 23: A teoria histórica

Tema 4: O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica**Subtema 4: A dimensão estética. A criação artística e a obra de arte****Análise e compreensão da experiência estética****GTA 22: A teoria institucional****Objetivos:**

- Avaliar a ideia de que a arte é definível.
- Identificar e classificar como essencialistas ou não essencialistas diferentes posições sobre a definição de arte.
- Clarificar os conceitos nucleares, as teses e os argumentos da teoria institucional da arte.
- Analisar criticamente cada uma destas propostas de definição de arte.

Modalidade de trabalho: individual e/ou em pequeno grupo.

Recursos e materiais : Caderno diário, manual escolar e *internet*.

3. Teorias não-essencialistas da arte**3.1 A teoria institucional**

A teoria institucional foi proposta pelo filósofo norte-americano George Dickie (1926-2020). Dickie desenvolveu a sua teoria, procurando responder aos desafios colocados pelos desenvolvimentos da arte ao longo do século XX, nomeadamente com o aparecimento de obras como “Fonte”, de Marcel Duchamp.

Dickie pensava que não é possível encontrar uma essência da arte, isto é, uma ou mais características que existam realmente em todas as obras de arte e só nelas. Contudo, defendia que era possível definir arte, ou seja, indicar condições necessárias e suficientes da arte. Efetivamente, não se trata de características que façam parte das próprias obras de arte, mas sim do contexto em que as obras se situam. Dito de outra forma, pode-se distinguir o que é arte da não arte, indicando certas características distintivas que não são intrínsecas, ou seja, que não existem nas próprias obras, sendo extrínsecas (externas) às obras, em relação estreita ao contexto institucional em que são apreciadas. Estas características são propriedades relacionais e, enquanto tal, não são observáveis nas obras. A teoria institucional é, assim, uma teoria não-essencialista.

E porque se chama institucional à teoria desenvolvida por Dickie?

«Por abordagem institucional refiro-me à ideia segundo a qual as obras de arte são o resultado da posição que ocupam dentro de um enquadramento ou de um contexto institucional.»

George Dickie, «O Que É a Arte?» in Carmo D’Orey (org.), p. 111



Algo é arte se for um **artefacto** e se for considerado arte por alguém que faz parte de uma certa instituição social – o mundo da arte. Ou seja: se um membro desse mundo da arte atribuir a um certo objeto ou atividade o estatuto de candidato a apreciação, isso torna esse objeto ou atividade numa obra de arte. Do mundo da arte fazem parte não só os artistas, mas também os críticos, os historiadores de arte, os galeristas, mas também o próprio objeto artístico. O mundo da arte é uma **instituição social**, ou seja, uma prática social estabelecida, tal como a família.

«O mundo da arte consiste num feixe de sistemas – teatro, pintura, escultura, literatura, música, etc. –, cada um dos quais proporciona um contexto institucional para a atribuição do estatuto a objetos pertencentes ao seu domínio. Não se podem pôr limites ao número de sistemas passíveis de serem incluídos na conceção genérica de arte, e cada um dos principais sistemas engloba subsistemas. Estas características do mundo da arte fornecem a elasticidade que permite albergar toda a criatividade, incluindo a mais radical.»

George Dickie, «O Que É a Arte?» in Carmo D'Orey (Org.), p. 104

A expressão «**candidato a apreciação**» é usada para frisar que o facto de uma obra ser considerada arte não implica que seja realmente apreciada – ela pode, ou não, vir a sê-lo. Dickie insiste muito no facto de a **sua teoria ser classificativa** e não avaliativa, isto significa que pretende apenas dizer o que é e não é arte – e não pretende distinguir a boa e a má arte.

3.1.1 Objeções à teoria institucional

A teoria de Dickie confronta-se, por um lado, com a dificuldade em lidar com obras que são habitualmente consideradas artísticas, mas cujos autores não fazem parte do mundo da arte.

Por outro lado, não se sabe bem o que é o “mundo da arte”, quem lhe pertence e quais são exatamente as suas regras e os seus procedimentos. O mundo da arte não é uma instituição bem definida, em que o papel dos intervenientes não é claro. Assim, se um dos principais conceitos da teoria institucional é vago e pouco claro, esta não pode ser considerada uma boa teoria.

Os aspetos institucionais sublinhados por Dickie revelam-se de extrema importância para compreender a arte, mas as objeções de que a sua teoria tem sido alvo sugerem que a sua definição também não é satisfatória.

A teoria institucional padece ainda do vício de circularidade. Dickie define o conceito de arte, recorrendo à noção de mundo da arte, a qual inclui o conceito que se quer definir. Ora, isso torna a definição circular e pouco informativa. Se não sabemos o que é a arte, então também não sabemos o que é o mundo da arte.



TAREFA 1

Após leitura atenta da informação anterior, **abre** o teu manual no problema da definição de obra de arte e, de seguida, **responde** ao seguinte desafio que colocamos:

Com base nos dados recolhidos no teu manual, resume, no teu caderno, as **principais características da teoria institucional da arte** e as **críticas/objeções** que lhe podem ser feitas.

TAREFA 2

Em articulação com um colega e com base nos dados recolhidos no teu manual de Filosofia, **respondam** à seguinte questão, a qual deverá ser escrita nos vossos cadernos diários da disciplina:

Por que razão alguns autores defendem que a teoria institucional torna a definição de arte inútil? **Justifica** a tua resposta.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

TAREFA 1

Teorias não-essencialista	Tese principal	Principais ideias	Objções
Teoria institucional	É arte um artefacto a que alguém do mundo da arte atribui o estatuto de candidato a apreciação.	Não existe uma essência da arte. É possível definir a arte, indicando características contextuais (que constituem condições necessárias e suficientes) O contexto relevante é uma instituição social que pode chamar-se «mundo da arte» (artistas, críticos, historiadores de arte, galeristas e o próprio público). Algo é arte se for um artefacto (pode ser apenas algo escolhido e recolhido pelo artista) e se for considerado arte por um membro do mundo da arte. A teoria institucional é classificativa e não avaliativa: pretende dizer o que é e não é arte, e não distinguir a boa e a má arte.	O conceito de mundo da arte é vago: não sabemos exatamente quais são as suas regras, o que é legítimo ou não um membro fazer, etc. A teoria lida mal com obras consideradas artísticas, mas cujos autores não fazem parte do mundo da arte: intuitivamente, não parece certo que se tornem arte apenas quando alguém do mundo da arte as reconhece.

TAREFA 2

A teoria institucional torna a definição de arte inútil, pois sustenta que os representantes do mundo da arte podem tornar qualquer coisa uma obra de arte, sem precisarem de recorrer a qualquer tipo de critérios para o fazer. A consequência desta posição é que a definição de arte passa a ser algo completamente arbitrário e infundado, pelo que não teríamos qualquer razão para nos preocuparmos com a sua definição.



O QUE APRENDI?

És capaz de ...

- avaliar a ideia de que a arte é definível?
- identificar e classificar como não essencialistas diferentes posições sobre a definição de arte?
- clarificar os conceitos nucleares, as teses e os argumentos da teoria institucional da arte?
- analisar criticamente cada uma destas propostas de definição de arte?

Procura no teu manual escolar os exercícios resolvidos sobre o tema “**A teoria institucional**”. **Analisa-os** e **resolve-os** sozinho. Por fim, **compara** a tua resposta com a do manual e com as dos teus colegas.

Estuda, com um colega de turma, para consolidares a tua aprendizagem.



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

Visualiza a videoaula sobre “[Filosofia da Arte: teorias não essencialistas](#)”.

